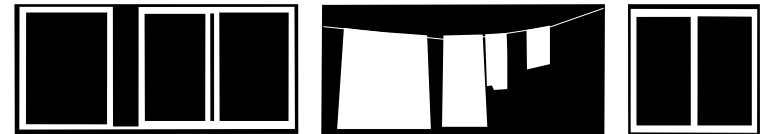


Fernanda Câncio

CIDADES SEM NOME

Crónica da Condição
Suburbana



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

Índice

PREFÁCIO

O rosto humano das cidades 7

INTRODUÇÃO

O lugar deles 11

Brandoa 21

Bela Vista 51

Belas Clube de Campo 97

Vila Franca de Xira 127

O presente livro é uma reedição da obra *Cidades sem Nome — Crónica da Condição Suburbana*, publicada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo em 2005. Os textos foram publicados com autorização daquela entidade, assim como da autora, Fernanda Câncio.

© 2005, CCDR-LVT e Fernanda Câncio

Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Cidades sem Nome — Crónica da Condição Suburbana*.
Autora: Fernanda Câncio
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Maio de 2008

2.ª edição: Setembro de 2008
ISBN: 978-972-8955-62-5
Depósito Legal n.º 281805/08

O rosto humano das cidades

A ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA é frequentemente apresentada como a região mais rica de Portugal. Na realidade, se atendermos exclusivamente ao critério do PIB *per capita*, que é, aliás, o critério utilizado pela Comissão Europeia para aferir do desenvolvimento regional, essa é uma realidade imposta pelas estatísticas. Mas por detrás da média aritmética esconde-se uma realidade social contraditória e em muitos casos bem distante da imagem cor-de-rosa que pinta Lisboa como uma região que atingiu níveis de desenvolvimento e de riqueza que a colocam fora do Objectivo 1.

A Região de Lisboa, é, pois, um espaço de fortes contrastes sociais, onde ainda persistem grandes bolsas de degradação urbanística, de pobreza e de exclusão social. Basta olhar para a Brandoa e para a Cova da Moura, no concelho da Amadora, para a Baixa da Banheira, no concelho da Moita, para o Prior Velho, no concelho de Loures, para o Bom Sucesso, no concelho de Vila Franca de Xira, ou para a Bela Vista, na cidade de Setúbal, para perceber que, apesar do muito que já foi feito no âmbito dos investimentos públicos e comunitários, há ainda um longo caminho a percorrer no sentido de atingir a tão

desejada meta do desenvolvimento sustentável urbano e humano na Região de Lisboa.

Para melhor entender esta realidade social basta dizer que das 2,5 milhões de pessoas que vivem na Área Metropolitana de Lisboa, quase 1/3, cerca de 800 mil, vive em zonas sem adequadas condições de vida e de urbanidade. Trata-se, pois, de uma situação social que é política e moralmente inaceitável, num País que se pretende moderno e solidário.

Foi no sentido de promover um processo de profunda mudança relativamente a estas situações que a CCDR-LVT desenvolveu um programa que se propõe, a curto e médio prazo, intervir nas zonas mais problemáticas dos territórios suburbanos.

O Proqual — Programa Integrado de Qualificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa — foi desenhado com o objectivo de humanizar os subúrbios, em cujos bairros se alojam centenas de milhares de indivíduos com grandes dificuldades económicas e níveis de escolaridade e qualificação profissional reduzidos. Uma população na sua maioria formada por pessoas oriundas dos fortes movimentos migratórios internos das décadas de 60 e 70, do processo de descolonização do pós-25 de Abril, da emigração africana e brasileira dos anos 80 e 90 e, mais recentemente, da emigração proveniente dos países da Europa de Leste. Fluxos migratórios que desencadearam um processo de crescimento macrocéfalo e desordenado, dando lugar ao surgimento

de uma realidade suburbana degradada, dominada pelos alojamentos precários, as urbanizações clandestinas e os áridos bairros sociais.

O Proqual tem a ousadia de querer mudar o rosto dos subúrbios de Lisboa e despertar novos horizontes de esperança. Para tal, definiram-se os seguintes objectivos:

1. reduzir os desequilíbrios territoriais e as tendências de desertificação social e urbanística;
2. introduzir dinâmicas de reequilíbrio urbanístico e reforçar os mecanismos de coesão social;
3. assegurar condições de habitabilidade, de sociabilidade e de integração comunitária das populações;
4. assegurar condições de formação profissional, de emprego e de empregabilidade;
5. criar novas centralidades, dinamizar actividades económicas e reforçar a iniciativa empresarial (micro-empresas e pequenas e médias empresas);
6. melhorar as condições de acessibilidade e de mobilidade;
7. aumentar a capacidade de participação cívica nos processos que conduzam à melhoria do ambiente urbano.

Este livro dá-nos conta de algumas situações e realidades das periferias suburbanas de Lisboa. Não na visão clássica — a técnica — mas antes registando os afectos, as preocupações, as expectativas, as frustrações, os protestos,

as dificuldades, as oportunidades — e a omnipresente esperança — de alguns dos homens, mulheres e crianças que vivem no extraordinário e surpreendente universo dos subúrbios.

O que a jornalista Fernanda Cândia nos dá a conhecer, através das várias estórias que a sua pena criativa, qual cinzel impressivo, esculpiu neste livro, é um mundo diferente de cores, de cheiros, de gostos, de linguajares e de olhares sobre uma realidade que é feita de sacrificada fantasia. Uma viagem que nos transporta para um mundo sibilino, habitado por «gente feliz com lágrimas», onde até a dor é vivida com chorada alegria. Os testemunhos que se seguem são um hino à condição humana. E a prova provada de que o maior dos tesouros está guardado na alma do povo. Cabe, assim, aos decisores deste País, a responsabilidade de investir na maior das nossas riquezas: a cidadania e a urbanidade.

ANTÓNIO FONSECA FERREIRA
Presidente da CCDR-LVT
Lisboa, Janeiro de 2005

INTRODUÇÃO O lugar deles

PODIA SER ISTO: um *travelling* ininterrupto de fachadas iguais, janelas em quadrícula miúda e cimento vivo onde a tinta cedeu ao tempo, o colorido sujo, disperso, da roupa estendida, os grafites em risco descontínuo, o céu em recorte oblíquo, a incongruência áspera do sol.

A toda a volta o mesmo cenário, janelas, portas, paredes a pique. Qualquer coisa de abandono nas ruas, nos montes de terra esquecidos nas obras de há muitos ou poucos anos, nas quintas que fazem fronteira à espera de loteamento, na paragem de autocarro onde alguém se resigna há quarenta minutos, no ar quieto, dormente. Qualquer coisa de melancólico nos comércios, na boutique das novidades, no minimercado que vende de tudo, no infantário de janelas mickey. Qualquer coisa de desespero na distância daqui para fora. Qualquer coisa de nada na estrada que aqui passa a três ou quatro setas de uma cril ou uma crel, a duas ou três paragens de autocarro de uma estação de comboios, a uma ou duas horas dos empregos, dos escritórios, das escolas, das fábricas, dos cinemas, dos bares, das lojas, dos museus, dos hipermercados. Do mundo?

JORGE, A ESCOLHER

Tem 17 anos, um boné de pala no alto da cabeça e a postura descaída de quem está determinado a despende o mínimo de energia. Bolseiro do Escolhas, desfaz-se em imprecações enquanto vigia os mais novos na resplandecente piscina das Manteigadas, perto da Bela Vista. Não é por mal: é mais um hábito que o Jorge tem dificuldade em perder.

Porque é que estás neste programa?

Saí da escola, fui suspenso quando estava no 8.º ano, por causa do professor de Física.

Que disseram os teus pais?

Não gostaram, mas pronto.

Ficaste a fazer o quê, então?

Fiquei no bairro.

A fazer o quê?

No bairro.

Que pensavas fazer?

Nada.

Não imaginavas nada?

Não.

Que é que te atraiu neste programa?

Foi bom, foi um mediador, o Nico, que me falou disto.

Que achas do programa?

É bom, mantém-me ocupado.

E em relação aos miúdos, que tipo de coisas achas que é importante fazer com eles, dizer-lhes?

...

Porque é que achas que o programa tem este nome?

Não sei.

Nunca pensaste nisso?

Não.

E agora, vais fazer o quê?

Voltar à escola, fazer o 9.º ano.

E depois?

Vou ser pasteleiro.

Porquê pasteleiro?

Porque gosto. Mais alguma coisa?